



EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E PSICOLOGIA EDUCACIONAL: POTENCIALIDADES E DESAFIOS

Monalisa Peixoto Soares; Lorrane Beatriz Rodrigues Firmino

(Universidade Federal de Campina Grande - psicomonalisa@gmail.com)

A Educação à Distância é um modelo de ensino repleto de potencialidades e desafios que envolvem recursos estruturais e também recursos humanos, desenhando novas práticas ao longo do processo de aprendizagem. Sabendo da expansão de instituições de EAD que tem ocorrido Brasi, o objetivo do trabalho foi verificar as interlocuções existentes entre a modalidade de Ensino à Distância e a Psicologia Educacional, entre suas potencialidades e desafios neste possível campo de atuação. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, onde foram elencados 4 temas: caracterização dos alunos e professores de EAD; Contribuições e potencialidades no processo de ensino e aprendizagem na EAD; Dificuldades e críticas ao ensino à distância e Educação à distância e Psicologia. Dialogando com outras teorias psicopedagógicas, conclui-se que a Psicologia pode contribuir como agente de mediação para pensar as práticas educativas, as interações que se materializam para além do campo virtual por meio de ferramentas de aprendizagem que envolvem os professores e alunos e também contribuir para organização didática dos conteúdos, fazendo-se relevante no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Educação a Distância, Psicologia Educacional, Atuação do Psicólogo.

INTRODUÇÃO

A educação a distância (EAD) no Brasil foi regulamentada a partir da Lei nº 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 20 de dezembro de 1996 e, desde então, vem crescendo e mostrando um novo paradigma de ensino-aprendizagem no qual o aluno e o professor não necessitam estar no mesmo local e na mesma hora para que haja a troca de conhecimento. Esse modelo é caracterizado pela imprevisibilidade, desterritorialização, virtualização, fluxo acelerado de informações, assim como a construção de novas categorias para definir os processos relacionados ao conhecimento (SCORSOLINI-COMIN, 2013).

Historicamente, a EAD sofreu várias transformações até chegar ao que conhecemos hoje. França, Matta e Alves (2012) contam a história da educação à distância mundial distinguindo cinco gerações onde podemos observar o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

avanço da tecnologia em cada uma delas e como a EAD acompanhou essa modernização. A primeira geração caracterizou-se pelo ensino através de cartas e a segunda geração foi a dos telecurros. De acordo com Romiszowski, (2009) citado por França, Matta & Alves (2012), o paradigma predominante das primeiras gerações foi o modelo industrializado de educação, com base na racionalização, produção de massa, mecanização e automação . A terceira geração traz o acesso à internet e o modelo tecnológico interativo marcado pelas videoconferências; há discussões sobre a quarta e a quinta gerações que teriam começado juntamente ao século XXI e que seriam marcados pela Inteligência artificial e pela realidade virtual. Nessas novas gerações, os paradigmas predominantes consistem em aprendizagem colaborativa e filosofias construtivistas, caracterizadas por autonomia, flexibilização e individuação (FRANÇA; MATTA; ALVES, 2012).

Segundo as autoras, três organizações contribuíram diretamente para o crescimento e fortalecimento da EAD no Brasil, sendo elas: a Associação Brasileira de Teleducação – ABT (1971), o Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação – Ipaee (1973) e a Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED (1995). Essas organizações promovem seminários, encontros, congressos, produções científicas, edições de revistas, implantação de cursos, e são responsáveis por formulação de políticas e disposições normativas, além da criação de uma secretaria no Ministério da Educação e articulação entre instituições no País e no exterior (FRANÇA; MATTA; ALVES, 2012).

Conforme o senso de 2012 da ABED, existem mais de 3,5 milhões de estudantes na modalidade de educação a distância no Brasil. A maioria dos cursos oferecidos a distância (56%) são livres e não precisam de autorização do Ministério da Educação (MEC) para funcionar, por serem cursos de atualização, aperfeiçoamento pessoal ou profissional, e as áreas mais procuradas são Administração, Educação e Ciências da Computação. Assim, percebe-se uma expansão progressiva no cenário da EAD, ainda que muitas organizações prezem mais pelas vantagens econômicas do que pela qualidade do ensino. No cenário crescente de oferta e demanda de formação profissional aliado ao desenvolvimento e à evolução das tecnologias educacionais, a educação a distância (EAD) passa a se destacar na realidade educacional brasileira (SCORSOLINI-COMIN, 2013).

O crescimento tecnológico das últimas décadas tornou o terreno fértil para a ascensão e a popularização da educação a distância, o uso das TIDCs (Tecnologias digitais de informação e comunicação) proporcionaram aos alunos terem acesso ao seu material de estudo em qualquer lugar e a qualquer hora. Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) estão a dispor do aluno e é o local onde ele pode assistir as



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aulas, ver o conteúdo do curso, ter acesso a biblioteca virtual, e conectar-se a outros alunos e ao professor-tutor através de fóruns e chats. Estes últimos que são de extrema importância por ser um local de debates e trocas de conhecimento, além de um local onde o professor-tutor pode avaliar o desempenho do aluno, pois é onde as “diferentes argumentações vão se construindo e como as interações vão se articulando, promovendo a aprendizagem e também o desenvolvimento do educando.” (SCORSOLINI-COMIN, 2014, p.06).

Apesar de tais recursos estarem disponíveis, a Educação à Distância é cercada por potencialidades e desafios que envolvem recursos estruturais e também recursos humanos, que desenham novas práticas ao longo do processo de aprendizagem. Assim, o objetivo do trabalho foi verificar as interlocuções existentes entre a modalidade de Ensino à Distância e a Psicologia Educacional, entre suas potencialidades e desafios neste campo de atuação.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, de acordo com Gil (2002), desenvolvida com base em material já elaborado, a saber, artigos científicos já publicados em bases de dados. Foi feita uma revisão da literatura dos através das bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e do Scientific Electronic Library Online (ScieLo), utilizando os descritores “Educação à Distância”, “Ensino à Distância”, “EAD” e “Psicologia”. Foram selecionados os artigos disponíveis completos e em português que fizessem referência direta ao tema, seja no título ou no resumo. A partir dos filtros citados, foi feita uma leitura sistemática e integral dos 5 artigos encontrados analisando os conceitos relacionados às contribuições da Psicologia para o modelo EAD. Foi possível elencar 4 temas principais que norteiam a discussão: Caracterização dos alunos e professores de EAD; Contribuições e potencialidades no processo de ensino e aprendizagem na EAD; Dificuldades e críticas ao ensino à distância e Educação à distância e Psicologia, que serão melhor explanados na próxima sessão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS E PROFESSORES DE EAD

A Educação à Distância é um sistema diferenciado que exige dos professores e alunos um desdobramento para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma produtiva e satisfatória, além da vinculação entre eles. Algumas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

características precisam ser desenvolvidas para que o professor exerça seu trabalho com competência e para que o aluno consiga concluir curso com sucesso, não apenas obter um diploma “vazio”.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Educação à Distância, em 2007 haviam 767.200 alunos matriculados, sendo 49,7% homens e 50,2% mulheres e a faixa etária era de mais de 30 anos em 35,8% dos alunos (AbraEAD, 2008). O perfil dos alunos, segundo Balbe (2003), são adultos, sem profissão anterior estabelecida, buscando um diploma do Ensino Superior para alcançar promoções; moradores distantes dos pólos universitários; estudantes que trabalham, tem família e dispõem de pouco tempo para o estudo ou idosos com dificuldade de deslocamento ou que não tiveram acesso à educação quando eram mais jovens. Em uma pesquisa mais recente, a Associação Brasileira de Educação à Distância consultou 309 instituições de todo o país, que oferecem mais de 15 mil cursos e somam quase 4 milhões de alunos (AbraEAD, 2013), o que demonstra um crescimento acelerado, como foi citado inicialmente. Quanto à idade dos alunos, embora a presença dos jovens tenha aumentado, a idade média deles ainda se situa em torno de 30 anos ou mais.

Devido ao tipo de ensino não ser presencial, é necessário que o aluno desenvolva sua autonomia e participe com interatividade das aulas, pois a cooperação e a construção conjunta fazem parte de todo o processo de aprendizagem. É indispensável a motivação, perseverança, responsabilidade, hábito de planejamento, pró-atividade, comprometimento e autodisciplina. Cabe então ao aluno sair da posição passiva de espectador, como um aluno tradicional, e assumir o papel principal de aluno aprendiz, interagindo, colaborando, cooperando, sendo o próprio diretor das suas atuações e refletindo sobre a própria aprendizagem (SATHLER; FLEITH, 2010; TAROUCO; MORO; ESTABEL, 2003).

Segundo Silva (2004), projetos de EAD são inseridos em políticas educacionais, considerando o contexto cultural de cada comunidade com objetivo de propiciar ao aluno autonomia no ato de aprender. Para que esta autonomia do aluno seja efetiva é necessário que o tutor incentive, pois ele possibilita a interação entre os alunos e os diversos objetos de estudo, agindo como um facilitador no processo da construção de conhecimentos e não como um mero transmissor. Não obstante, é função do aluno buscar esta autonomia, pois ele é o ator principal nas graduações à distância, sendo necessário possuir responsabilidades e estímulos necessários para o seu próprio processo de ensino-aprendizagem, estando motivado, comprometido e autodisciplinado (SATHLER; FLEITH, 2010).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A educação a distância propõe desafios interessantes à prática pedagógica pois o grupo de alunos é heterogêneo em idade, interesses, motivações e concepções sobre o curso. De acordo com alguns autores, existem diferenças funcionais entre o professor e o tutor. Para Balbe (2003), o professor seria aquele responsável por desenvolver conteúdos e construir parceria com os alunos para planejamento, execução e avaliação dos mesmos. Já o tutor, seria o mediador entre professor-especialista e os alunos, comprometido com o processo ensino-aprendizagem, orientando, discutindo e analisando as produções para acompanhar os avanços dos alunos. De qualquer forma, para Moreno e Chacon (2014), o estilo pedagógico tutorial respeita o ritmo de aprendizagem de cada aluno; promove o desenvolvimento do trabalho de projeto personalizado; responde aos interesses e necessidades dos alunos; orienta, facilita e promove a aprendizagem independente e colaborativa e avalia constantemente o desenvolvimento e maturidade do conhecimento.

É através participação ativa que o aluno poderá encontrar no tutor suportes cognitivo, metacognitivo, motivacional, afetivo e social para que seu desempenho seja satisfatório. E o tutor, por sua vez, deve atuar com o compromisso de ajudar o estudante a compreender os objetivos do curso, aconselhar sobre métodos de trabalho e compreender as dificuldades do aprendiz para orientá-lo de maneira adequada. Portanto, para que alunos como para os professores efetivem suas potencialidades é imprescindível que ambos os grupos interajam e criem uma vinculação dialogal, para que aconteça um trabalho de parceria, trocas, incentivos a aprendizagem e superação de desafios (BALBE, 2003).

2. CONTRIBUIÇÕES E POTENCIALIDADES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EAD

Os cursos de graduação de Educação à Distância oferecem soluções para uma parcela de pessoas que não tiveram possibilidades de fazer uma faculdade por diversos motivos. Desta forma, os cursos de EaD conseguem se instalar em cidades de pequeno porte, envolvendo pessoas de diversas faixas etárias e de diferentes classes econômicas, viabilizando que muitas tenham acesso a um curso superior.

Com a demanda por formação e qualificação profissional cada vez mais presentes, a EAD permite a penetração em públicos geograficamente dispersos e que anteriormente não tinham oportunidades reais de realizar cursos de extensão, formação tecnológica e mesmo cursos de graduação e pós-graduação. A flexibilização com horários alternativos de estudo, os preços mais acessíveis e a existência de programas de formação públicos e gratuitos são forte



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

atrativos para quem busca qualificação (SCORSOLINI-COMIN, 2013).

A flexibilização de horários não obriga o aluno a estar todos os dias em sala de aula, podendo adequar seu horário de estudo de acordo com sua rotina diária, abarcando principalmente as pessoas que trabalham e as que possuem seus afazeres domésticos. Outra vantagem da cibercultura no que se refere à aprendizagem é a desconstrução de algumas resistências pedagógicas tradicionais, como o foco na transmissão de conteúdos, métodos exclusivamente instrucionistas e supervalorização dos processos avaliativos tradicionais. Introduzindo assim os processos multimodais que combinam diferentes recursos e possibilitam ampla gama de sensações e experiências durante as aprendizagens mediadas pelas novas tecnologias (SCORSOLINI-COMIN, 2013).

Pensar em meios criativos na EaD é algo um pouco complicado, pois devido ao ensino ocorrer por meio virtual não existe uma interação física professor-aluno, aluno-aluno para melhor propiciar o potencial criativo de ambos. De acordo com Sathler e Fleith (2007), em pesquisas realizadas com tutores e alunos de EaD, os tutores relataram que os alunos não possuem interesse por cursos online, tem dificuldades em ambientes virtuais e não participam ativamente das aulas, desta forma, impedindo a construção crítica e criativa de um saber. Por outro lado, os alunos dizem que não veem estímulo criativo por parte dos professores e estes só estão preocupados em transmitir o conteúdo.

Segundo Silva (2004), na educação à distância o professor precisa entender as competências desta modalidade de ensino sem fazer paralelos com o ensino presencial. Desta forma, algumas autoras pensaram em estratégias para melhorar o desempenho dos alunos e logo, sua criatividade, elencando várias possibilidades a serem aplicadas pelo tutor na EAD: criar um fórum de discussão semanal com temáticas pertinentes não só ao conteúdo do curso, como também relativas ao processo de ensino-aprendizagem em educação à distância; o tutor pode disponibilizar um horário em que estará disponível diariamente no chat, para que os alunos se programem para entrar em contato com ele; os tutores devem prontamente dar retorno aos e-mails e mensagens dos alunos, para manter ativo o vínculo (SATHLER; FLEITH, 2010).

Sendo assim, o tutor na EAD é o responsável pela vontade do aluno de querer enriquecer sua aprendizagem autônoma, porém também é imprescindível ao aluno estar seguro da utilidade e vantagens dos procedimentos de aprendizagem autônoma e querer aplicá-los (SILVA, 2004). Entendendo que existem vários processos de aprendizagem e cabe tanto aos professores quanto aos alunos respeitarem as especificidades de cada modalidade de ensino, seja ela presencial ou à distância.



3. DIFICULDADES E CRÍTICAS AO ENSINO À DISTÂNCIA

Apesar de suas potencialidades, a Educação à Distância também possui seus desafios e recebe diversas críticas. No que diz respeito à avaliação, nos ambientes virtuais as atividades avaliativas geralmente se resumem a testes somativos aplicados em momentos isolados do curso, como testes automatizados, que geram um feedback rápido. Algum tipo de individualização é gerado apenas com a demanda do professor na busca pela geração de um questionário relativamente personalizado. Apesar desses refinamentos, são técnicas ligadas muito mais à reprodução de conteúdos e memorização, cujo alcance avaliativo é limitado fragmentado, isolado e descontínuo (SCORSOLINI-COMIN, 2013).

Autores afirmam que na EAD prevalecem os modelos que associam frequência e assiduidade (controle de logs), resultados de testes on-line, trabalhos publicados e tarefas realizadas, assim como mensagens trocadas entre os alunos. Dependendo da maneira como os indicadores são incorporados pelas ferramentas de avaliação, corre-se o risco de que constituam apenas formas de controle de acesso ao espaço virtual e deixem de avaliar realmente o aprendizado do aluno. Portanto, os modelos de avaliação em EAD devem sim elencar indicadores, mas estes devem ser construídos de modo a proporcionar uma visão mais contextualizada dos processos educacionais observados em ambientes virtuais (SCORSOLINI-COMIN, 2013), o que contraria a proposta construtivista.

Outras dificuldades que podem ocorrer são: a não adaptação do aluno ao sistema, organização de horários e conteúdos, gerando desistência e fracasso escolar; a falta de interação (aluno-aluno, aluno-professor); a falha na comunicação e diferenças culturais que impeçam a transmissão dos conteúdos; a falta de elementos necessários que garantam o acesso às plataformas virtuais, como um computador e uma rede de internet razoáveis e a falta de feedback por parte dos dois grupos.

Em um estudo realizado por Sathler e Fleith (2010), foram investigados estímulos e barreiras à criatividade na educação a distância com 122 alunos de um curso de graduação. Utilizou-se uma escala que avaliava a percepção dos alunos tanto acerca da implementação, realizada por seu tutor, de práticas pedagógicas que favorecem o desenvolvimento e expressão da criatividade, quanto acerca das barreiras à criatividade na educação a distância. Os fatores preponderantes foram a dificuldade de gerenciar o tempo, as poucas oportunidades de dialogar com colegas e com o tutor, a comunicação assíncrona, o baixo incentivo para inovar e a dificuldade com as ferramentas tecnológicas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Com isso, observamos que é necessário um certo esforço por parte tanto dos alunos como dos tutores para que se inovem as práticas pedagógicas e que as barreiras da criatividade sejam superadas com outros recursos, como o agendamento de um horário para que alunos e tutores discutam suas ideias no chat ou fórum e também o auxílio do tutor para gerenciamento do tempo e outras dificuldades que os alunos venham a ter. Em outras alternativas, a figura do Psicólogo Educacional para identificar as dificuldades e mediar o desenvolvimento das potencialidades também seria de grande valia, além de compor um possível planejamento pedagógico dos cursos

4. EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E PSICOLOGIA

Devido à expansão do Ensino à Distância e seus impactos no cenário brasileiro, é indispensável pensar na interlocução entre Psicologia e Educação. Segundo Martínez (2009), a Psicologia Educacional deve assumir um compromisso com a educação brasileira visando uma transformação dos processos educativos que possibilitem mudanças frente à demanda pela melhoria na qualidade da educação oferecida em todo país. Devido ao compromisso da Psicologia e a relação construída entre ensino e aprendizagem, a EAD também se mostra como uma área de atuação desses profissionais que podem contribuir através de teorias do desenvolvimento, da aprendizagem, cognitivas, comportamental e socioconstrutivista, como enumeram França, Matta e Alves (2012). Principalmente diante desta realidade educacional, no qual o professor é um mediador do conhecimento que possibilita a autonomia do aluno direcionar seu próprio aprendizado, sendo uma forma de “heutagogia” (aprendizagem autodeterminada) (FRANÇA; MATTA; ALVES, 2012).

Elencando alguns autores utilizados no ramo da Psicologia Educacional, a teoria de Piaget - mesmo não sendo uma teoria da aprendizagem, mas do desenvolvimento, em uma concepção interacionista e construtivista -, possibilita a compreensão do desenvolvimento como um processo onde o indivíduo é ativo e constrói seu conhecimento através da interação com o meio e com outras pessoas (COLL; MARTÍ, 2004). Assim, a interação que é proporcionada na modalidade de EAD surge como mais uma forma de desenvolver as capacidades dos alunos, onde a apresentação dinâmica dos diversos conteúdos pode ser assimilada com os recursos disponibilizados – vídeo aulas, apostilas, participação em chats de discussão e fóruns, que podem estimular a autonomia destes alunos.

Partindo do pressuposto piagetiano da capacidade inata que cada organismo tem para se adaptar ao ambiente, capacidade esta representada por



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

esquemas que favorecem as relações do indivíduo com o mundo, promovendo a interpretação dos objetos e do meio e que estimula reestruturações para adaptação, pode-se observar a dinâmica que norteia a aprendizagem desse aluno da EAD.

Como expõe Rocha (2008), o aluno precisa criar, fazer e agir, diante daquilo que lhe é exposto por meio de softwares e vídeos, buscando e decidindo a melhor forma de solucionar seus problemas e que acrescentem na sua jornada acadêmica. Esse desequilíbrio cognitivo que traz a possibilidade de desenvolvimento para o aluno e que o leva a aprender, pode ser incentivado por professores comprometidos e responsáveis, que trazem questionamentos desafiadores, levando o aluno a pensar, duvidar e agir, tornando-o consciente da transitoriedade de suas certezas e dúvidas (SCHERER; BRITO, 2014).

Rocha (2008) ainda possibilita um olhar sobre a mudança de paradigmas que as novas tecnologias da informação trazem para o ambiente escolar, no qual o professor não é mais a única fonte de informação, mas sim mediador entre o aluno, sua realidade e que para tal precisa além de possibilitar a compreensão de conteúdos, o desenvolvimento de habilidades, competências, atitudes e valores. Neste aspecto mediador, a psicologia pode contribuir ainda com a teoria de Vygotsky trazendo o conceito de mediação nos processos de ensino/aprendizagem na realidade da EAD.

O processo de intervenção realizado por um elemento mediador entre o indivíduo, o meio e os outros indivíduos, é o movimento a Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP (zona dinâmica entre aquilo que o indivíduo sabe e o que pode vir a aprender), através do auxílio ao indivíduo até que ele internalize o novo conteúdo. Seja esse suporte o professor-tutor ou outros instrumentos, que transformam o ambiente e facilitam as relações, presentes na EAD como uso de computadores, apostilas e as tecnologias da informação disponíveis, todos estes articulando a linguagem (CUBERO; LUQUE, 2004).

Sarmet e Abrahão (2007) destacam a figura do tutor enquanto esse mediador entre professores e alunos, além de acolher as demandas dos alunos. Levando em consideração a variabilidade das demandas dos alunos, a quantidade e qualidade das ferramentas e a imprevisibilidade do sistema de educação, exige-se dos tutores a capacidade de elaborar estratégias que assegurem a execução do processo ensino-aprendizagem. O psicólogo educacional estaria apto a ocupar tal função, considerando o pensamento de Pego et. al. (2014), quando afirma que o psicólogo escolar atua como mediador, facilitando inclusão das pessoas com necessidades especiais no âmbito educacional. Tomando a visão sociointeracionista - que o ser humano é sociável e sujeito a mudanças e adaptações de acordo com a sua relação com o meio - autoras defendem que é



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

por meio da mediação que o psicólogo escolar cria um elo entre as pessoas e tudo que as cercam, colaborando com a transformação e desenvolvimento delas. Assim, a presença do psicólogo será um suporte relevante no processo ensino/aprendizagem tanto para os educadores como principalmente, para os alunos de Ensino à Distância.

CONCLUSÕES

Diante dos resultados encontrados, tornam-se notórias as possibilidades de diálogo entre a Psicologia e a realidade educacional propostas pela EAD, no qual a Psicologia pode contribuir para pensar as práticas educativas, as interações que se materializam para além do campo virtual por meio de ferramentas de aprendizagem que envolvem os professores, alunos e conteúdos educacionais que se propõem, como também contribuir para organização didática destes conteúdos (SCORSOLINI-COMIN, 2014). A Psicologia Educacional também pode avançar com a EAD, expandindo seus estudos através de cursos à distância, podendo integrar perspectivas de contextos educacionais de diferentes estados simultaneamente.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. T. **Censo EaD.br**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2013 = Censo EaD.br: analytic report of distance learning in Brazil. Curitiba: Ibpe, 2014.

BALBE, M. M. G. A interlocução entre professor tutor e aluno na educação a distância. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 21, p. 01-10, jun. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602003000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 07 nov. 2015.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

COLL, C. S., MARTÍ E. Aprendizagem e desenvolvimento: a concepção genético-cognitiva da aprendizagem. In: COLL, César Salvador, Marchesi, Álvaro e Palacios, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artes médicas, 2004.

CUBERO, R; LUQUE, A. Desenvolvimento, Educação e Educação Escolar: a teoria sociocultural do desenvolvimento e da aprendizagem, In: COLL, C. S.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artes médicas, 2004.

FRANÇA, C. L.; MATTA, K. W.; ALVES, E. D. Psicologia e educação a distância: uma revisão bibliográfica. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 04-15, 2012. Disponível



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000100002&lng=en&nrm=iso

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINEZ, A. M. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. **Psicol. Esc. Educ.**, Campinas , v. 13, n. 1, p. 169-177, Jun 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000100020&lng=en&nrm=iso>

MORENO, C. P.; MOLINA, Y. A.; CHACON, J. A. Impacto del estilo pedagógico integrador en los estudiantes de licenciatura en educación básica de la facultad de estudios a distancia. **Form. Univ.**, La Serena , v. 7, n. 6, p. 37-44, 2014.

PEGO, V. O. R.; DIAS, A. M. S.; MORAIS, R. R. S.; PEIXOTO, S. P. L. O psicólogo escolar como mediador no processo educacional inclusivo. **Caderno de Graduação Ciências humanas e sociais**, Maceió, v. 2, n. 2, p. 185-198, nov. 2014.

ROCHA, S. S. D. O uso do Computador na Educação: a Informática Educativa. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 85, junho de 2008. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/085/85rocha.pdf>>

SANCHES, F. **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância**. 4. ed. São Paulo: Instituto Monitor, 2008.

SARMET, M. M.; ABRAHAO, J. I. O tutor em Educação a Distância: análise ergonômica das interfaces mediadoras. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, n. 46, p. 109-141, dez. 2007 .

SATHLER, T. C.; FLEITH, D. S. Estímulos e barreiras à criatividade na educação a distância. **Estud. psicol.**, Campinas , v. 27, n. 4, p. 457-466, Dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 out. 2015.

SCORSOLINI-COMIN, F. Avaliação dos processos de ensino-aprendizagem em ações educacionais ofertadas a distância. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 21, n. 2, dez. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 21 out. 2015.

SCORSOLINI-COMIN, F. Psicologia da educação e as tecnologias digitais de informação e comunicação. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2013. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282332826008> . Acesso em 17 ago. 2015.

SILVA, A. C. R. Educação a distância e o seu grande desafio: o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem. Abril, 2004.